

CONJUNTURA

Sem lua de mel com mercado

Primeiros dias do governo Lula, com declarações polêmicas do presidente, provocam desconforto entre os investidores

» RAFAELA GONÇALVES

Nessas primeiras semanas do novo governo, não houve a habitual "lua de mel" com o mercado — período no qual os investidores dão o benefício da dúvida ao novo presidente, quando esperam sinalizações mais concretas sobre os rumos da economia. Mas o que se viu foi o próprio Luiz Inácio Lula da Silva mandando insistentes e agressivos recados de que sua prioridade não será o fiscal, mas o social. Os ministros da Fazenda, Fernando Haddad, e da Casa Civil, Rui Costa, têm se esforçado para amenizar as críticas presidenciais, mas o efeito disso mostra-se limitado.

Somente nas últimas horas Lula atacou a autonomia do Banco Central (BC), ao enxergar um descompasso entre a taxa básica de juros e a inflação. Além disso, em cerimônias públicas tem enfatizado que não entende a razão pela qual o "mercado" classifica como "gasto" os investimentos do governo na área social. Os agentes econômicos torceram o nariz para as avaliações do presidente.

Em entrevista ao *Correio*, o ex-ministro da Fazenda do governo Sarney, Mailson da Nóbrega, afirmou que Lula frustrou as expectativas de economistas que esperavam que o terceiro mandato fosse uma repetição do primeiro. "Pelas declarações mais recentes, Lula se aproxima do período da Dilma (Rousseff), com visões intervencionistas muito fortes e com uma percepção equivocada do papel das estatais no cenário econômico brasileiro. Como se o Brasil voltasse aos anos 1970, 1980, ou mesmo ao período da era da derrama de dinheiro do Tesouro do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social)", lamentou.



Haddad em Davos: mensagem aos aplicadores de que responsabilidade fiscal não será abandonada, apesar de Lula afirmar que não é prioridade

Analistas reconhecem que as expectativas e cobranças ao novo governo, neste começo, têm sido mais intensas do que em gestões anteriores. "A situação é bastante diferente e delicada. Enquanto no primeiro mandato do Lula a gente teve uma herança do FHC (Fernando Henrique Cardoso), que foi superavit e mudanças que estavam ajudando a economia avançar, agora a gente vê que a herança é totalmente diferente. Nossa situação fiscal é mais delicada e, por isso, o mercado

tem sido muito mais sensível", avaliou o analista da Ouro Preto Investimentos, Bruno Kamura.

Pelo menos quatro planos do governo estão na mira dos investidores desde a eleição. O reajuste do salário mínimo para R\$ 1.320, a ampliação do Bolsa Família para R\$ 600, a eliminação do teto de gastos como âncora fiscal do país e a ampliação da isenção do Imposto de Renda para contribuintes com salários até R\$ 5 mil.

"São muitas falas em linha do aumento dos gastos, sem falar

em aumentar receitas com arrecadação. Se esses programas sociais não forem realocados, é muito provável que tenhamos um aumento da dívida. Tudo isso acaba fazendo com que haja uma desconfiança maior", avaliou Kamura.

Fiscal adormecido

Os agentes seguem na expectativa da apresentação do novo arcabouço fiscal, que foi prometido por Haddad até abril. Para

a economista-chefe da Reag Investimentos, Simone Pasianotto, os primeiros 20 dias de governo deixaram o debate sobre o fiscal adormecido.

"Essa postura de declarações polêmicas e intervencionistas sobre temas sensíveis não é favorável. Passado o turbilhão das invasões em Brasília, o que se espera é que Lula comece a tocar a cozinha na área econômica para ver no que vai dar", cobrou.

Para Davi Lelis, economista



Pelas declarações mais recentes, Lula se aproxima do período da Dilma, com visões intervencionistas muito fortes e com uma percepção equivocada do papel das estatais no cenário econômico brasileiro. Como se o Brasil voltasse aos anos 1970, 1980, ou mesmo ao período da era da derrama de dinheiro do Tesouro do BNDES"

Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda do governo Sarney

e sócio da Valor Investimentos, Lula mostrou não estar preocupado com o pragmatismo dos mandatos anteriores, o que fará a marcação continuar cerrada. "É importante separarmos o que é falado como estratégia para agradar a própria ala do plano estrutural de governo. No geral, tem se passado um discurso de responsabilidade fiscal, mas é preciso haver um alinhamento entre o que se fala e o que se faz, para que não se perca confiança no governo", alertou.

CRISE

Americanas derruba CEO de banco

R\$ 20
BILHÕES

é o rombo contábil da Americanas, que levou Rial ficar à frente da empresa apenas nove dias

O Santander Brasil informou, ontem, que Sérgio Rial renunciou ao cargo de presidente do conselho de administração do banco, e também aos postos nos comitês de assessoramento ao conselho que ele integrava. O pedido de saída do cargo foi entregue pelo executivo mais cedo. Ele deixa a instituição financeira dias depois de virem à tona os problemas contábeis da Americanas, que ele informou ao mercado com menos de duas semanas à frente do comando da varejista.

Desde a divulgação do rombo, a Americanas vive uma crise sem precedentes. Em aproximadamente uma semana, a companhia teve de abrir negociações com os bancos credores. Em um primeiro momento, Rial assessorou os acionistas de referência da varejista — Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira — nas negociações, mas acabou deixando a função com a contratação do banco Rothschild.

Rial deixou o posto de CEO do Santander no início do ano passado, sendo sucedido por Mario Leão. Saiu com uma série de recordes de resultado, que fizeram seu nome frequentar as bolsas de apostas para cargos executivos na Espanha. Foi ele que consolidou o Santander Brasil na posição de maior gerador de resultados do grupo em todo o mundo.

Dante da ida para um posto executivo na Americanas,

empresa que é cliente (e devedora) do banco, Rial ficou impedido de atuar em questões relacionadas à companhia dentro do banco. O executivo, porém, participa de outros conselhos: no da BRF, por exemplo, é vice-presidente sob a batuta de Marcos Molina, acionista relevante da empresa e controlador da Marfrig, empresa que o próprio Rial já presidiu.

Na Americanas, a chegada do executivo criou expectativa e fez as ações dispararem na Bolsa com seu anúncio, em agosto do ano passado. O mercado tinha em mente justamente a reestruturação que o executivo fizera na Marfrig, além do salto de rentabilidade que o Santander deu sob sua gestão.

Rial ficou apenas nove dias à frente da varejista. Renunciou diante da descoberta de um rombo contábil da ordem de R\$ 20 bilhões. O buraco financeiro levou a Americanas à recuperação judicial.



Suspeita de fraude contábil no balanço da varejista impactou a carreira de Sérgio Rial

Google manda 12 mil para rua

A empresa matriz do Google, a Alphabet, anunciou um plano global para cortar 12 mil funcionários em toda a empresa, incluindo equipes de recrutamento e algumas funções corporativas, além de alguns núcleos de engenharia e produtos. A crise tem se espalhado pelas "big techs" e o anúncio veio um dia depois a Microsoft divulgar um plano para demitir 10 mil trabalhadores nos próximos meses.

De acordo com um memorando da empresa, o corte representa cerca de 6% da força de trabalho. O documento assinado pelo CEO da Alphabet, Sundar Pichai, afirma que as demissões devem acontecer globalmente, mas os funcionários que trabalham nos Estados Unidos serão os primeiros a perder suas posições.

Em nota, Pichai atribui as demissões à tentativa de equilibrar as receitas e gastos da Alphabet, em um momento no qual o mercado de tecnologia vem

passando por grande instabilidade. "Os postos que estamos removendo refletem o resultado de uma revisão rigorosa em todas as áreas. O fato de essas mudanças terem um impacto na vida dos 'googlers' pesa muito sobre mim. Assumo toda a responsabilidade pelas decisões que nos trouxeram até aqui", observou Pichai.

Cortes maciços

Outras grandes empresas de tecnologia — como Meta, proprietária do Facebook, Amazon e Twitter — já haviam informado planos de corte de funcionários, também sob a justificativa de que o setor enfrenta turbulências econômicas. De acordo com analistas, a onda de demissões tem acontecido por conta de uma recessão que deve atingir os Estados Unidos e outros países desenvolvidos dentro dos próximos meses. Além disso, a alta de juros também tem afetado o mercado

de tecnologia, que costumava ter financiamentos facilitados.

Segundo o economista Rica Mello, especialista em gestão de negócios, a piora no cenário, que teve início na pandemia, se agravou desde a invasão da Ucrânia pela Rússia. "Esses dois fatores fizeram com que os governos tivessem que injetar muito dinheiro em suas economias, ficando endividados e resultando em inflação e juros altos. Quem investe nessas big techs também exige retornos maiores. Em um cenário de juros muito altos, fica cada vez mais caro bancar investimentos até dar resultado, lá na frente. Tudo isso faz com que haja uma retração dos investidores", avaliou.

Para Rafael Franco, especialista em segurança cibernética e CEO da Alphacode, trata-se do começo de um período turbulento que deve se estender. "Este será um ano de ajustes. Depois dos cortes, é de se esperar um período de estabilidade", previu. (RG)



Pichai justificou decisão de demitir milhares de funcionários com necessidade de reequilibrar receita